

dos seus integrantes obteria se agisse isoladamente. E mesmo que se consiga relativamente pouco, em vista do objetivo almejado, essas pessoas adquirem um preparo e obtêm conhecimentos que serão úteis em outro empreendimento.

Um dos pontos a destacar que mesmo necessitando de incentivo e de aprendizado para executar novas tarefas, as quais poderão reverter na própria qualidade de vida desta comunidade, não se pode desprezar que ela possui “um saber”, que deve ser respeitado. A própria condição social inibe as pessoas e as fazem sentir inferiores. Qualquer trabalho a ser desenvolvido deverá motivar e oportunizar a espontaneidade de cada cidadão.

Apesar de toda a informação que se possa ter sobre o lugar, nenhuma comunidade é estável, ou elas estão em declínio populacional e/ou econômico ou estão crescendo. Ou elas estão sendo abandonadas, sub-utilizadas ou estão crescendo e prosperando.

4.5 Diagnóstico do atrativo turístico

Atrativo é o elemento que motiva a visita turística, pode ser natural (paisagens, rios,...) ou cultural (museus, festas, construções artísticas e históricas,...), enquanto o termo atrativo turístico é o elemento que já recebe visitação, que já tem uma estrutura para propiciar uma experiência turística.

O atrativo turístico possui, via de regra, segundo Rose (2002), maior valor quanto mais acentuado for seu caráter diferencial. O turista procura sempre aquilo que é diferente de seu cotidiano. Assim, aquele atrativo único, sem outros semelhantes, possui maior valor para o turista.

Ruschmann (1995), ainda define atrativos como os diferenciais, responsáveis pela escolha do turista por uma destinação, em detrimento de outra.

Os resultados do Atrativo Turístico (aplicação do Instrumento V_A) podem ser observados no Quadro 07.

Os resultados indicaram o acesso ao local do atrativo como bom, ou seja, corresponderia a opção de vias asfaltadas ou com revestimento pétreo ou terra, com conservação esporádica.

QUADRO 07- Diagnóstico do Atrativo Turístico da Floresta Nacional de Canela, RS.

Itens	01	02	03	04	05	06	07	08	09
Valores encontrados	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	0	-	-	-	0	0	0	0	-
	-	-1	-1	-1	-	-	-	-	-1
	-	-	-	-	-	-	-	-	-

1-Acesso ao local 2-Sistema de transporte até o local 3-Sinalização turística externa para localização do atrativo 4-Sinalização no atrativo como um todo 5- Sinalização do atrativo específico (trilha) 6-Estado de conservação do atrativo 7-Nível de exploração do atrativo em relação a sua capacidade de atração 8-Envolvimento do entorno com o atrativo 9-Envolvimento dos moradores da cidade com o atrativo.

Ótimo+2 Regular-1
 Muito bom.....+1 Péssimo ou inexistente-2
 Bom0

O acesso à Floresta Nacional, tomando como referência a cidade de Canela, ocorre por um trecho asfaltado e por uma extensão de, aproximadamente, 3 km de estrada de terra.

Para Rose (2002), os acessos compreendem todas as formas para se chegar aos locais turísticos. São as estradas, os portos, os aeroportos, as rodovias, as ferrovias. Não raramente o próprio acesso à destinação turística constitui-se em um grande atrativo de grande potencial turístico. O turista tem mais interesse em percursos pitorescos, por isso, a programação de estradas em regiões turísticas deve cuidar para não descaracterizar o ambiente.

Analisando as conceituações do autor, verificou-se que o acesso à cidade de Canela ocorre através da malha rodoviária e de um aeroporto, com pequena capacidade, enquanto o acesso à FLONA ocorre apenas por uma estrada. Quanto os atrativos ao longo das rodovias, o acesso à cidade de Gramado e Canela ostenta uma proposta paisagística, baseado no cultivo da Hortênsia, que margeia a pista. O trecho compreendido entre as duas cidades, ligado por uma ampla avenida, também sofreu uma intervenção com a introdução de espécies ornamentais. Na cidade de Canela, o trecho compreendido entre a Avenida das Hortênsias até o Bairro Canelinha, possui atrativos ao longo das vias, porém, a partir deste ponto até a FLONA, não ocorrem intervenções com o propósito de embelezamento.

O sistema de transporte para a FLONA ocorre, diariamente, com horários fixos, porém, são poucas as alternativas apresentadas. Assim, os horários são pela manhã, meio-dia e a tardinha.

Considerando a possibilidade de serem implementadas atividades recreacionistas e de Ecoturismo as atuais atividades da empresa prestadora do serviço de transporte urbano deverão ser avaliadas, pois as opções aos turistas serão insuficientes.

Rose (2002), argumenta que não adianta possuir bons atrativos e bons serviços se a localidade não coloca à disposição do turista alguns serviços básicos, como transporte público.

Sinalização de orientação turística, conforme SPHAN (1980) e IPHAN (2004), é a comunicação efetuada por meio de um conjunto de placas de sinalização, implantadas, sucessivamente, ao longo de um trecho estabelecido, com mensagens escritas, pictogramas e setas direcionais. Esse conjunto é utilizado para informar aos usuários sobre a existência do atrativo turístico, sobre os melhores percursos de acesso e, ao longo destes, a distância a ser percorrida para se chegar ao local pretendido.

A sinalização externa para localização do atrativo, ocorre somente em alguns pontos, da via própria de acesso ao atrativo.

Compõe-se de três tipologias de placas. O primeiro tipo, conforme figuras 26, 27, 28 e 29, apresenta uma estrutura de madeira, na cor natural que sustenta a placa, de forma centralizada. A cor do fundo é branca com inscrições em azul-marinho (FLORESTA NACIONAL- “uma opção natural”). O sentido de orientação é demonstrado na cor laranja, enquanto a distância a ser vencida aparece, ora em laranja, ora em azul. O centro da placa ostenta um logotipo com a inscrição IBAMA.

Nestas placas a inscrição “uma opção natural”, significa a frase tema, e, segundo Lewis *apud* Miranda (2002), a mesma deve ser simples, breve e completa, conter somente uma idéia, ser específica e ser interessante e motivadora.

Conforme Goodey (2002) a regra é que o texto não ocupe mais de 50% da placa ou painel.



FIGURA 26- Primeira placa de sinalização que conduz ao atrativo turístico FLONA, colocada no canteiro central da avenida. Canela, RS.



FIGURA 27- Segunda placa de sinalização que conduz ao atrativo turístico FLONA, colocada em uma lateral da pista. Canela, RS.

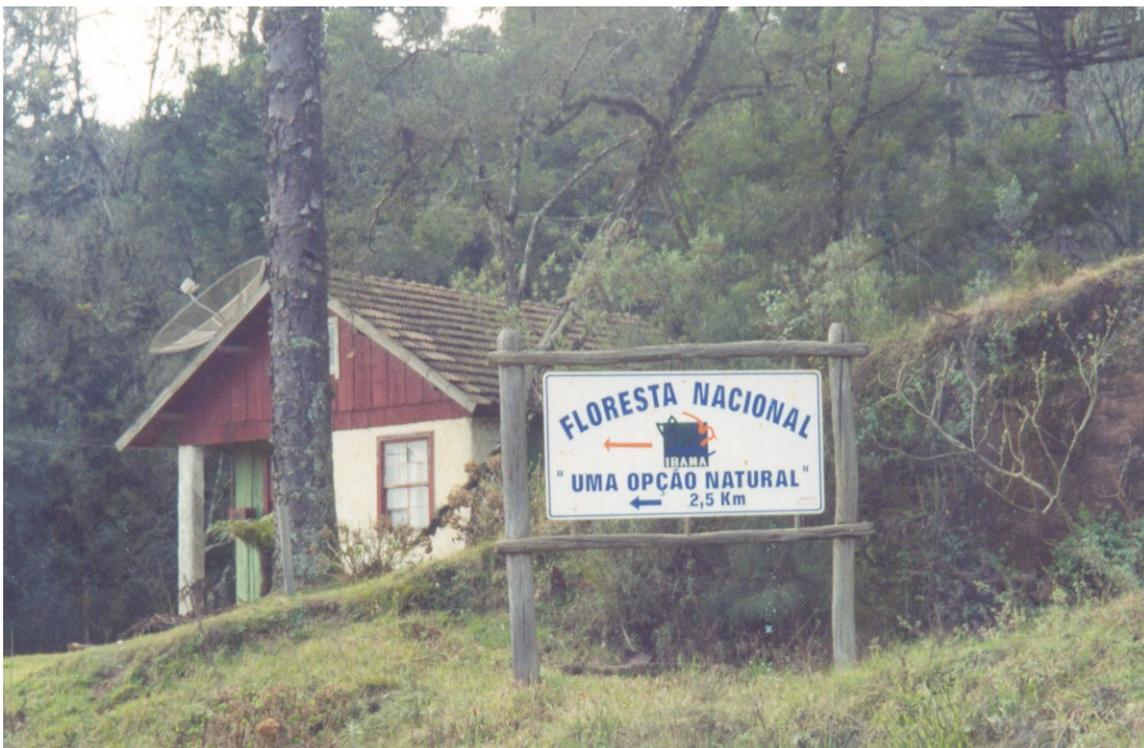


FIGURA 28- Terceira placa de sinalização que conduz ao atrativo turístico FLONA, colocada em uma lateral da pista. Canela, RS



FIGURA 29- Quarta placa de sinalização que conduz ao atrativo turístico FLONA, colocada em uma lateral da pista. Canela, RS.

O segundo tipo de sinalização corresponde a uma placa típica de orientação de trânsito, na cor azul com inscrições em branco. A mesma indica as seguintes destinações:- FLORESTA IBAMA, LINHA CAÇADOR, TUBIANA E SAIQUI (Figura 30).



FIGURA 30- Placa de sinalização que conduz ao atrativo turístico FLONA, colocado em entroncamento da rodovia. Canela, RS.

A partir de meados do segundo semestre de 2003, um terceiro tipo de sinalização foi implantado (Figura 31). A mesma consta de uma placa em forma de “seta”, presa aos postes de energia elétrica, nas cores rosa e vermelho, com inscrições em preto (IBAMA - Floresta Nacional de Canela).

As placas ao longo das estradas e rodovias indicando a existência e identificação da Unidade de Conservação, sua direção e distância a percorrer deve ser na cor marrom com letras e signo direcional branco (Barbosa & Troncoso, 1977).



FIGURA 31- Placa indicativa da direção do atrativo turístico FLONA de Canela, RS.

A princípio, as placas existentes contribuem para a orientação em geral, isto é, de veículos e pedestres. Mas, considerando que o atrativo possui como vocação o Ecoturismo, o que supõe caminhadas e outras práticas físicas, seria necessário a inclusão de placas específicas para pedestres.

Neste sentido, o IPHAN (2004), considera que a sinalização para pedestres além de oferecer informações úteis aos deslocamentos por meio de placas direcionais, seja composto, por placas interpretativas, contendo informações como mapas e desenhos.

No interior do atrativo, a sinalização dos diferentes setores, se compõe de placas também confeccionadas em madeira, conforme Figura 32, com inscrições e indicações na cor amarela.

Conforme a orientação para sinalização visual de Unidades de Conservação Federais, de autoria de Barbosa & Trancoso (1977), as placas para orientação de pedestres aos diferentes setores da unidade devem apresentar fundo na cor marrom, letras, fio de separação e signos direcionais na cor branca e o alfabeto, em negrito caixa alta e baixa, com altura das letras em caixa alta, de 4 a 7,5 cm. Pictogramas poderão ser utilizados para reforçar as mensagens.



FIGURA 32- Placa de sinalização no interior do atrativo turístico FLONA de Canela, RS.

Considerando, como atrativo específico a “Trilha do Veado” a identificação através de placas, ocorre em 46 dos 52 exemplares/elementos existentes, conforme apresentado no Quadro 41 (Item 4.7.1).

O estado de conservação do atrativo foi classificado como bom, ou seja, com manutenção esporádica de bens materiais e naturais.

O agravante neste sentido é o reduzido número de funcionários para realização das tarefas e a não renovação de convênio com a administração municipal.

Quanto ao nível de exploração do atrativo também foi classificado como bom, pois existe a exploração parcial, baseado nas características dos diferentes sítios.

Assim, ocorrem espaços para lazer ativo, como campos de esporte, praça de

recreação infantil (Figura 33), espaços contemplativos com bancos e áreas de convivência com churrasqueiras. A isso, somam-se os atrativos de caráter cultural e ambiental, como o Centro de Visitantes, o diorama e a trilha.



FIGURA 33- Detalhe da FLONA de Canela (RS), com a praça infantil no primeiro plano.

O envolvimento do entorno foi avaliado como muito bom com problemas de interação e com alguns conflitos. Embora em condições mais amistosas com os moradores do entorno, em comparação ao passado, ainda ocorrem pequenas invasões para coleta de materiais, como lenha, pinhas, entre outros. Este fato é reforçado pelo padrão sócio - econômico da população do entorno.

Quanto ao envolvimento dos moradores da cidade, deparou-se com pouco interesse na divulgação. Possivelmente, este fato ocorra pela presença de outros atrativos com melhor estruturação na cidade. Em geral, a população aponta a dificuldade de locomoção, em função das estradas e a falta de estrutura do mesmo.

A oferta de infra-estrutura mínima nas Unidades de Conservação é condição essencial para o atendimento às necessidades da demanda turística. Porém, a satisfação desse item engloba também a necessidade de um planejamento com mínimo impacto ambiental e total integração entre grupos sociais envolvidos, (Costa,

2002).

O equipamento turístico foi avaliado pelo Instrumento V-B e apresentado no Quadro 08.

QUADRO 08- Resultado da avaliação do Equipamento Turístico da FLONA de Canela, RS.

Itens	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
Respos- tas	Sim			Sim			Sim	Sim		Sim		Sim
		Não	Não		Não	Não			Não		Não	

01- Proteção Ambiental 02- Estudo de Impacto Ambiental 03- Estudo de Capacidade de Carga
04- Recepção 05- Material Informativo 06- Integrante de Roteiro Turístico 07- Administração
Específica 08-Delimitação de Área 09- Cobrança de Ingresso 10- Controle Estatístico 11-
Segurança Adequada
12- Tempo de Permanência.

Os resultados apontaram 60% de itens positivos e 40% de negativos. Entre os positivos, encontram-se aqueles ligados a própria condição do local, como Unidade de Conservação, que inclui a sua própria proteção, delimitação da área, administração específica para o atrativo, presença de uma central de recepção, com controle do fluxo de visitantes e, cuja permanência dos mesmos, ultrapassa mais de uma hora.

Em contrapartida, pontos previstos para os Plano de Manejo da UC, como estudo de impacto ambiental e de capacidade de carga, ainda não foram analisados. A falta de material informativo, de taxação de valores por visita, exclusão dos roteiros turísticos comercializados e a falta de segurança adequada são pontos de caráter negativo.

O Potencial Turístico que envolve uma Área de Proteção, foi avaliado pelo Instrumento V-C e demonstrado no Quadro 09, o qual apontou valores positivos dada a facilidade e proximidade da área de aglomerado turístico, o qual poderá fazer parte de um circuito de atrativos turísticos, dada a beleza cênica da área vizinha, a qual apresenta padrões de hospedagem variados e confortáveis e disponibiliza uma culinária variada e bem preparada.

QUADRO 09- Resultados da avaliação do Potencial Turístico de uma Área de Proteção (FLONA de Canela, RS).

Itens	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
	+1	+1	-	-	-	+1	+1	+1	+1	+1
Respostas	-	-	0	0	0	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-	-	-	=	=

01- Situação da Área de Proteção 02- Percurso 03- Observação da Vida Selvagem 04- Pontos de Interesse Turístico 05- Atratividade da Área 06- Instalações 07- Localização da Área 08- Área Vizinha 09- Padrões Culinários 10- Padrões de Hospedagem.

Características apontadas no Quadro 09, como a opção de mais de um ponto de interesse turístico, a frequência na observação da vida selvagem caracterizam a área da FLONA de Canela, como de bom potencial turístico, complementadas pelo fato de ser, de algum modo, diferentes das outras áreas para visitantes por se caracterizar pela conservação, produção, pesquisa, recreação e com potencial para o Ecoturismo.

A pouca distância entre a FLONA e a sede do Município permitiria a inserção da mesma em circuitos turísticos que hoje exploram a beleza cênica da região, aliada a culinária típica e aos padrões de hospedagem.

Devido à subjetividade existente na identificação de valores e na avaliação de atrativos turísticos, foi desenvolvido pelo Centro de Capacitação para o Turismo da OEA (Cicatur *apud* Rose, 2002), um método que divide os atrativos em quatro hierarquias:

- Hierarquia 4: atrativo excepcional e de grande significado para o mercado internacional, capaz de, por si só, motivar uma corrente importante de visitantes.

- Hierarquia 3: atrativo com aspectos excepcionais em um país, capaz de motivar uma corrente importante de visitantes nacionais, ou em conjunto com outros atrativos, gerar uma corrente de visitantes internacionais.

- Hierarquia 2: atrativo com algum aspecto chamativo, capazes de interessar visitantes de longa distância que se concentram na localidade por outros motivos ou, ainda, motivar correntes turísticas menores.

- Hierarquia 1: atrativos sem méritos suficientes para ser considerado nas hierarquias superiores, mas que faz parte do patrimônio turístico da localidade, como elemento que pode, juntamente, com outros de maior hierarquia, favorecer o desenvolvimento de complexos turísticos.

Baseado no método acima descrito o atrativo estudado se classifica na Hierarquia 1.

4.6 Floresta Nacional de Canela

4.6.1 Características da Floresta Nacional de Canela, RS

4.6.1.1 Histórico

A área, inicialmente, denominada Estação Florestal de Canela, passou posteriormente a designação Parque Florestal Eurico Gaspar Dutra, vinculado ao Instituto Nacional do Pinho (INP).

O período que antecedeu a II Guerra Mundial, caracterizou a exportação madeireira para a Europa, sobretudo, para a Alemanha. Este período foi marcado pela abundância de matéria-prima, facilidades cambiais e incremento dos negócios. Com o início da guerra, os negócios foram suspensos, gerando a super produção e problemas governamentais.

A única alternativa era as remessas da madeira brasileira para a Argentina, sob consignação, a preços desvantajosos.

O quadro do setor madeireiro na época, levou o Poder Público a tomar medidas cauteladoras, como o levantamento da capacidade produtiva do parque madeireiro dos estados do sul do país, a fim de limitar o trabalho das serrarias, condicionando a produção à capacidade do transporte ferroviário.

Assim, foi criado para desenvolver tais tarefas, o Serviço do Pinho, que também mediu a real capacidade de absorção do mercado argentino, fixando rigorosas cotas para exportação. Com isto:

- evitou-se o desperdício das reservas florestais;
- disciplinou a exportação;
- reduziu os estoques a margem das ferrovias;
- provocou uma reação dos preços.

O sucesso das medidas tomadas, fez rever as atitudes em relação ao patrimônio florestal, a assistência técnica e a reconstituição florestal, com a comprovação da destruição ocorrida nos pinheirais e ao comércio e indústria. Para tal, foi criado, em 19 de março de 1946, através do Decreto nº 3124, o Instituto Nacional do Pinho (INP) que tinha como funções:

- estabelecer as bases para a normalização e defesa da produção de madeira;

- coordenar os trabalhos relativos ao aperfeiçoamento dos métodos de produção e orientar sua aplicação;
- fomentar o comércio do Pinho e outras essências florestais no interior e exterior do País;
- estudar as atuais condições de transporte nas regiões madeireiras e estabelecer um sistema de circulação da produção, tendo em vista as necessidades de economia e rapidez nos transportes;
- assentar as bases de amparo financeiro a produção, visando o seu aperfeiçoamento;
- promover a cooperação entre os que se dedicavam as atividades madeireiras;
- organizar o registro obrigatório dos produtores industriais e exportadores de Pinho;
- fiscalizar a execução das medidas e resoluções tomadas, punindo os infratores;
- promover o reflorestamento das áreas exploradas e desenvolver a educação florestal nos centros madeireiros.

Foi criado no INP um setor denominado, Divisão de Florestamento e Reflorestamento, que traçou planos de instalação de várias Estações Florestais Experimentais, para o plantio e observações sobre a cultura do pinheiro (*Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze), as quais se localizariam na região sul, onde havia a ocorrência da espécie. Foram criados, inicialmente, oito Estações Florestais, posteriormente, transformadas em parques, sendo três no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, São Francisco de Paula e Canela.

A Estação Florestal Experimental de Canela – “Parque Florestal Eurico Gaspar Dutra” foi a quarta Unidade criada pelo INP, quando foram adquiridas três áreas:

- Área I:

Possuía 405 ha, e foi adquirida em 6 de novembro de 1946, do espólio de Luiz Franciosi Serio, situada no município de Canela, no lugar denominado “Fazenda do Faxinal”, dividindo-se por um lado com o arroio Tiririca e pelos outros lados, com propriedades da Companhia Florestal Rio Grandense, Edwino Blauth, Manoel Franzen, Carlos Franzen e Carlos Wortmann.

Após a aquisição da área os vendedores ficaram com um prazo de cinco anos para retirada dos pinheiros e toda infra-estrutura da mesma, exceto três casas de madeira cobertas com telhas de tabuinhas, aramados e todos os pinheiros com diâmetro inferior a trinta centímetros, com casca na altura do corte, e sessenta pinheiros com cinquenta centímetros, com casca na altura do corte.

- Área II:

Os 2,5 ha foram adquiridos em 7 de novembro de 1946, de José Eduardo Serio, sendo uma área sem benfeitorias, situada no lugar denominado “Campestre Grande” ou “Caçador”.

- Área III:

Em 11 de novembro de 1961 foram permutados 150 há, por outros 150 ha de araucária, com a Celulose de Papel Ltda, na área denominada “Caçador”, zona rural de Canela.

Após a aquisição da área, como era prioritário o reflorestamento, o Instituto iniciou a contratação dos funcionários, construção da infra-estrutura e produção de mudas.

Os registros apontam a presença de sessenta trabalhadores nos primeiros anos que somados a seus familiares, que também residiam no local, totalizavam mais de trezentas pessoas.

Apesar das dificuldades da época, devido ao frio, falta de estradas, aquisição de mantimentos, entre outros, os plantios foram iniciados na área, contando ainda com a distribuição de mudas a particulares e empresas, originando muitos dos reflorestamentos da região.

Com a criação pelo Decreto Número 289, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (I.B.D.F.), em 28 de fevereiro de 1967, o Instituto do Pinho, bem como, o Departamento de Recursos Naturais Renováveis do Ministério da Agricultura e o Instituto Nacional do Mate, foram extintos, passando todo o acervo e atribuições dos três órgãos extintos ao IBDF, que tinha as seguintes competências:

- traçar as diretrizes gerais da política florestal do país;
- fazer o inventário e o levantamento dos recursos florestais brasileiros;
- realizar e promover o reflorestamento com fins econômicos e ecológicos;

- prestar assistência técnica e estabelecer princípios e normas para utilização racional das florestas;

- cumprir e fazer cumprir o Código Florestal, Lei de Proteção à Fauna, e demais legislações pertinentes aos recursos naturais renováveis, entre outras: administrar o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, os Parques Nacionais, as Florestas Nacionais, as Reservas biológicas e os Parques de Caça Federais.

Durante o período de administração do IBDF foi concluído o Plano de Manejo da Floresta Nacional, o qual se caracteriza por um levantamento da FLONA, determinando metas quanto a produção de madeira, dos subprodutos florestais e o aproveitamento do seu potencial cênico, para exploração com Ecoturismo, e atividades de Educação Ambiental e lazer.

Com a extinção do IBDF, pela Lei 7.735/89, todas as atribuições e acervo passaram ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

A Floresta Nacional de Canela localiza-se no Bairro Ulisses de Abreu, no município de Canela, Rio Grande do Sul, e situa-se a 6 km do centro da cidade (Figura 34).

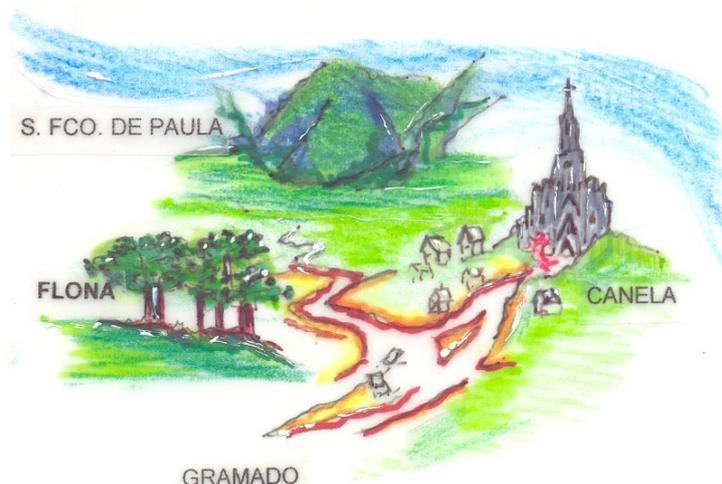


FIGURA 34- Croqui representativo da situação da FLONA na cidade de Canela ,RS.

Encontra-se entre as coordenadas geográficas 29°18' latitude Sul e 50°53' longitude Oeste.

Apresenta uma área total de 517,7 ha, cujo uso e ocupação são demonstrados no Quadro 32.

Tabela 32 - Áreas e divisão da Floresta Nacional de Canela em hectares e percentual de ocupação em relação a área total.

Tipo de ocupação	Área (ha)	%
Aceiros/estradas	30,929	5,98
Açudes	4,782	0,92
Banhados	15,593	3,01
Clareiras	27,989	5,41
Sede	11,590	2,24
Nativas	128,818	24,88
<i>Araucaria angustifolia</i>	129,877	25,09
<i>Pinus elliottii</i>	104,856	20,25
<i>Pinus taeda</i>	9,221	1,78
<i>Pinus patula</i>	0,200	0,04
<i>Eucalyptus sp.</i>	6,066	1,11
Mista – Araucária/ Pinus	30,398	5,87
Outras áreas	17,413	3,36
TOTAL	517,732	100,00

FONTE: BRASIL (1989)

4.6.1.2 Caracterização da área

A área da FLONA localiza-se na Encosta Superior do Nordeste, entre a Encosta Inferior do Nordeste e os Campos de Cima da Serra. Caracteriza-se por apresentar regiões abruptas, originando um relevo movimentado, associado a pequenas elevações. A altura máxima é de 840 metros, acima do nível do mar.

O clima, de acordo com a classificação climática de Köppen, enquadra-se no tipo “Cfb1”, temperado úmido (Moreno,1961). De acordo com IPAGRO (1989), a temperatura média anual é de 14,8° C, a precipitação média anual de 1.821mm e a umidade relativa do ar média de 80%.

Segundo Carraro *et al.* (1974) e BRASIL (1973), o solo classifica-se, como do Grupo São Bento que abrange as formações da Serra Geral, Botucatu e Rosário do Sul. A FLONA, especificamente, encontra-se na Formação Serra Geral, caracterizado por derrames basálticos. Enquadra-se na Unidade de Mapeamento Bom Jesus, sendo pouco desenvolvido e classificado como Cambissol Húmico, com as seguintes características: álicos, textura argilosa, relevo ondulado a fortemente ondulado e substrato basalto. Devido ao relevo e a precipitação média elevada, os

solos são susceptíveis à erosão, e estão sujeitos a deposição de água, que não conseguem infiltrar devido a plataforma rochosa, originando inúmeros banhados.

Toda a área é recortada por sangas, que são represadas, próximas a sede da FLONA.

A rede de drenagem não permite um bom escoamento das águas, ocasionando alagamentos em diversos pontos nas estradas e a deposição de água em baixadas quando ocorrem chuvas mais fortes.

A vegetação natural da Floresta pertence ao tipo fitogeográfico “Mata de Araucária ou Pinheiro Brasileiro” ou “Floresta Ombrófila Mista”.

Segundo Klein (1960), a *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze é a árvore mais alta desta formação, apresentando copas umbeliformes, verde-escuro, formando uma cobertura uniforme.

O levantamento realizado em 1989, na Floresta Nacional de Canela apontou as espécies, apresentadas no Quadro 10, como integrantes da associação com *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze.

QUADRO 10 - Espécies integrantes da mata nativa da FLONA de Canela, RS.

Nomenclatura Comum	Nomenclatura científica	Família
Açucara	<i>Dasyphyllum spinesuns</i> (Less.) Calnera	Asteraceae
Araçá	<i>Myrcianthes gigantea</i> (D. Ld)	Myrtaceae
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i> Mart. et Zucc.	Tiliaceae
Aroeira-brava	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	Anacardiaceae
Araticum	<i>Rollinia</i> sp.	Annonaceae
Aguai –leiteiro	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook.et Arn.) Radlk.	Sapotaceae
Batinga	<i>Eugenia rostrifolia</i> D. Legrand.	Myrtaceae
Branquilha	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.)L.B.Sm. et Downs	Euphorbiaceae
Carvalho-brasileiro	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Proteaceae
Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i> DC.	Myrtaceae
Cocão	<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St.- Hil.	Erythroxylaceae
Carne-de-vaca	<i>Styrax leprosus</i> Hook. et Arn.	Styracaceae
Cincho	<i>Sorocea bonplandii</i> (Bail.) W.C. Burgeret <i>al.</i>	Moraceae
Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.- Hil.	Aquifoliaceae
Esporão-de-galo	<i>Celtis spinosa</i> Spreng.	Ulmaceae
Fumo-bravo	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	Solanaceae

Continua...

QUADRO 10 - Espécies integrantes da mata nativa da FLONA de Canela, RS.
Continuação...

Guabirobeira	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg	Myrtaceae
Grandiúva	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae
Guabiju	<i>Myrcianthes pungens</i> O. (Berg) D. Legrand.	Myrtaceae
Guaçatunga	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Flacourtiaceae
Guamirim	<i>Gomidesia affinis</i> (Cambess.) D. Legrand	Myrtaceae
Guaperê	<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	Cunoniaceae
Ipê-ouro	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	Bignoniaceae
Ingá	<i>Inga</i> sp.	Leg. (Fabaceae)
Louro	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Boraginaceae
Murta	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O. Berg	Myrtaceae
Mamica-de-cadela	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> L.	Rutaceae
Pinheiro-bravo	<i>Podocarpus lambertii</i> Klotzch. ex Endl.	Podocarpaceae
Pessegueiro-do-mato	<i>Prunus sellowii</i> Koehne	Rosaceae
Pau-leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax.	Euphorbiaceae
Quaresmeira	<i>Tibouchina</i> sp.	Melastomataceae
Rabo-de-bugio	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	Leguminosae
Sete-sangrias	<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl) Benth.	Symplocaceae
Vassourão-branco	<i>Piptocarpha angustifolia</i> Dusén	Asteraceae
Vassourão-preto	<i>Vernonia discolor</i> (Spreng.) Less.	Asteraceae

FONTE: BRASIL (1989)

Os animais selvagens são em quantidade bastante reduzida, resumindo-se as espécies apresentadas no Quadro 11.

QUADRO 11 - Animais selvagens encontrados na FLONA de Canela, RS.

Nome comum	Nomenclatura científica	Ordem	Família	Classe
Coati	<i>Nasua nasua</i>	Carnivora	Procyonidae	Mammalia
Cutia	<i>Dasyprocta agouti</i>	Roedores	Dasiproctidae	Mammalia
Gato-do-mato	<i>Felix geoffroyi</i>	Carnivora	Felidae	Mammalia
Guraxaim	<i>Cerdocyon thous</i>	Canidae	Carnivora	Mammalia
Irara	<i>Eira bárbara</i>	Carnivora	Mustilidae	Mammalia
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	Carnivora	Procyonidae	Mammalia
Ouriço - cacheiro	<i>Coendou prehensilis</i>	Rodentia	Erethizontidae	Mammalia
Tapiti	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Lagomorpha	Laporidae	Mammalia
Tatu	<i>Dasytus novemcinctus</i>	Xenarthra	Dasypodidae	Mammalia
Araponga	<i>Procnias nudicollis</i>	Passeriformes	Contigidea	Aves
Beija-flor	<i>Leuchloris albicollis</i>	Apodiformis	Trochilidae	Aves
Canário-da-terra	<i>Sicalis flaveola</i>	Emberizinae	Fringilidae	Aves
Gralha azul	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	Oncines	Corvidae	Aves
Pintassilgo	<i>Carduelis spinus</i>	Passeriformes	Fringilidae	Aves
Saracura-do-brejo	<i>Aramides saracura</i>	Gruiformes	Rallidae	Aves
Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i>	Oncines	Emberizinae	Aves
Jararaca	<i>Bothrops jararaca</i>	Squamata	Viperidae	Reptilia
Coral	<i>Micrurus sp.</i>	Squamata	Elapidae	Reptilia
Cotiara	<i>Bothrops cotiara</i>	Squamata	Viperidae	Reptilia
Lagartos	<i>Mabuya sp.</i>	Squamata	Scincidae	Reptilia

Fonte: BRASIL (1989); Dunning & Belton (1993); Silva (1994); Belton (1994); Bencke (2001); Efe (2001).

4.6.1.3 Inventários realizados

Foi realizado o Plano de Manejo para a Floresta Nacional de Canela, em 1989, através do Ministério do Interior/ IBAMA, sob a coordenação geral, do Eng. Florestal Dr. Paulo Renato Schneider (BRASIL, 1989).

4.6.1.4 Convênio da FLONA com outras instituições

Em 1996, foi firmado o Convênio 006/96 com o Município de Canela, com o fim de explorar Ecoturismo, em 140,0 ha, conforme apontado como meta no Plano de Manejo, visando gerar recursos que subsidiariam novas metas.

Em uma primeira fase o convênio visou a geração inicial de recursos, sendo de competência do Município, a execução de obras e apoio com pessoal.

A FLONA, em contrapartida, deveria repassar cinquenta por cento da verba gerada na área conveniada, os quais seriam investidos na sua totalidade, na própria área. Em 2003, o Convênio foi desfeito o que acarretou na redução da mão-de-obra.

4.6.1.5 Instalações existentes

A FLONA consta com uma estrutura formada por:

- sede administrativa com sala de direção e centro de apoio ao visitante;
- trilhas;
- estacionamento;
- área de recreação infantil;
- área de esporte;
- churrasqueiras;
- mesas e bancos;
- galpão “Gralha Azul”;
- residências dos técnicos;
- três lagos e arroios;
- pórtico;

4.6.1.6 Origem dos recursos para as instalações existentes

Um lago, o Galpão “Gralha Azul” e o Pórtico foram construídos com recursos oriundos do convênio com a Prefeitura Municipal de Canela. Os demais empreendimentos são originários das verbas da União.

4.6.1.7 Número de visitantes/ano

A Secretaria do Turismo da Prefeitura Municipal de Canela possui o registro do número de visitantes, como demonstrado no Quadro 35. Estes dados são apenas quantitativos referindo-se ao número de pessoas que ingressaram, junto ao Pórtico de acesso.

A FLONA repassa os dados, semestralmente, para um banco de dados municipal.

O problema levantado foi a falta de um funcionário permanente na Recepção, fazendo com que os registros encontrados não sejam completos.

TABELA 33- Movimento da Portaria da FLONA de Canela, RS, (número de visitantes) entre os anos de 2001 e 2003.

Mês	Ano 2001	Ano 2002	Ano 2003
Janeiro	Sr	675	786
Fevereiro	Sr	468	726
Março	Sr	941	1754
Abril	179	471	998
Mai	387	935	882
Junho	325	490	613
Julho	289	684	914
Agosto	593	1.077	1154
Setembro	130	1.260	646
Outubro	484	881	1373
Novembro	363	1.170	1837
Dezembro	546	1.153	902
Total	3.296	10.205	12.585

sr= sem registro

Fonte: Secretaria Municipal do Turismo. Prefeitura Municipal de Canela.

Os locais mais visitados pelos turistas na cidade de Canela são o Parque Caracol, o Pinheiro Grosso, o Parque do Palácio do Governo e a Floresta Nacional de Canela, a qual é conhecida, como Floresta do Ibama. A Figura 35, mostra o movimento registrado nas portarias dos respectivos atrativos.

Os dados mostraram que a FLONA foi o local de menor procura dentre os registrados.

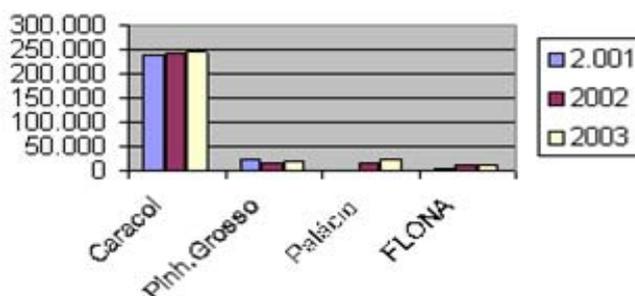


FIGURA 35 - Registro do número de turistas nos quatro principais atrativos da cidade de Canela, RS.

FONTE: Secretaria Municipal de Turismo. Prefeitura Municipal de Canela.

4.6.1.8 Visitantes estrangeiros

Os dados relativos a presença de visitantes estrangeiros constam do livro de registros junto ao Centro de Visitantes (Tabela 36)

4.6.1.9 Proporção moradores locais

Existe uma procura dos moradores do entorno, principalmente, aos domingos, porém, não foi quantificada, apenas verificada.

4.6.1.10 Visita de escolas

As escolas são as que mais visitam as instalações, e conforme registros, em todos os meses de atividades escolares foram verificadas visitas de escolas, principalmente, da cidade de Canela ou de municípios vizinhos.

4.6.1.11 Sistema de registro

Existem dois registros:

Um relativo ao número de pessoas que adentram à FLONA (Tabela 33) e outro, no Centro de Visitantes que consiste em um livro de registro (Tabela 34).

4.6.1.12 Solicitações dos visitantes

Dentre as solicitações registram-se a possibilidade de uso do lago para banho, folders e madeira. Os pedidos de madeira somente são atendidos, a nível de município.

4.6.1.13 Locais mais visitados

Por questão de segurança e a falta de maior números de pessoas para acompanhamento, os locais mais visitados são os próximos a sede.

4.6.1.14 Visitante esperado na situação atual

Em função do material didático exposto as escolas são as preferidas, como forma de divulgação e de educação ambiental.

4.6.1.15 Utilização dos açudes para banho

Até o momento, não foram disponibilizados pela dependência na aquisição de material de socorro e pessoal treinado para tal.

4.6.1.16 Registro de vandalismo

A maior ocorrência é a retirada de mudas e danificação de algumas plantas.

4.6.1.17 Procura por esportes radicais

Há procura por este tipo de atividade, por ser oferecida em outros locais do município, o que confere à cidade o título de “Capital do Ecoturismo”.

Para Magnanini (1970), porém, uma Unidade de Conservação não é local para jogos esportivos, campeonatos ou diversões públicas. Estes acontecimentos tem lugar em outras áreas mais apropriadas. Eventos desta natureza só deveriam ser autorizados quando, entre o acontecimento e a unidade, houver uma relação de causa-efeito, quando sua realização contribuir para que o público compreenda melhor as finalidades da Unidade de Conservação e, quando a celebração do evento não trouxer impacto aos recursos naturais. Por sua vez, atividades como passeios, caminhadas, fotografia, piqueniques, acampamentos e similares, que possam ser efetuadas e realizadas sem alteração material ou sem perturbação das características do ambiente natural, devem ser incrementadas ao máximo.

4.6.1.18 Registro de oferendas religiosas

Foi verificado ao longo da estrada de acesso à FLONA, porém, no seu interior não há registros. O perigo que tais oferendas representam é a presença de velas acessas que poderão gerar incêndios.

4.6.1.19 Critérios na demarcação das trilhas

As características consideradas para a demarcação das duas trilhas foram:

- proximidade da sede;
- elenco de espécies vegetais;
- representatividade das espécies no contexto da FLONA;
- imposição de um certo grau de dificuldade em relação ao relevo.

4.6.1.20 Instalações/estruturas que contribuem para a educação ambiental

Atualmente, a FLONA dispõem como apoio às iniciativas e práticas de educação ambiental, de:

- diorama;
- animais taxidermizados;
- coleções;
- centro de triagem dos animais silvestres;
- araucária interativa;
- trilha.

4.6.1.21 Relação da FLONA com os moradores

Atualmente, é de um convívio harmonioso, porém no passado ocorreram registros devido a entrada indevida de pessoas em busca de lenha, madeira e pinhão.

Em muitos casos, as Unidades de Conservação representam fontes de conflito com as comunidades locais, pelas diferentes percepções, valores e objetivos relativos ao ambiente, das partes envolvidas no processo. Muitos dos fatores que proporcionam estes tipos de conflitos incluem influências institucionais, políticas econômicas e envolvem questões ecológicas e sociais.

4.6.1.22 Instalações/estruturas com contribuição para os moradores do entorno

A comunidade, em especial, a do entorno da FLONA, dispõem de uma estrutura voltada ao lazer, composta de:

- praça infantil;
- áreas de esporte;
- churrasqueiras;
- bancos e mesas;
- caminhos.

4.6.1.23 Número de funcionários

Em razão da aposentadoria de funcionários e da falta de concursos públicos para a reposição do quadro, a FLONA consta hoje em seu quadro com:

- três Engenheiros Agrônomos;
- um Engenheiro Florestal;
- quatro técnicos.

4.6.2 Caracterização da infra-estrutura da Floresta Nacional de Canela.

O Instrumento VI-B (Anexo IX), se compõem de cinco itens como a Sede administrativa, Posto de vigilância/Fiscalização, Refeitório, Alojamentos e Pronto-socorro, relacionados com a infra-estrutura básica de uma Floresta Nacional.

A aplicação e análise do instrumento supra citado, revelou que quanto a Sede Administrativa, a mesma agrega várias funções em um só local. Assim, no prédio da mesma está instalada a sala de direção, sala de rádio, almoxarifado, secretaria, copa/cozinha e banheiros (masculino e feminino), além do Centro de Visitantes.

Não existem postos de vigilância e a fiscalização das pessoas e carros fica a cargo do funcionário da Recepção, com sede no Pórtico.

O refeitório, bem como os alojamentos, possuem a estrutura física, com pouca manutenção, mas estão desativados.

O principal problema é a falta dos itens básicos do pronto-socorro. Conforme Jesus (1998), 21 produtos são indispensáveis nas Unidades de Conservação para um primeiro atendimento, na própria sede.

Do elenco de produtos (Anexo IX), apenas o álcool foi encontrado.

A própria presença de escolas, no local, para atividades como participação de palestras e brincadeiras na praça infantil torna-se preocupante pela falta de vigilância e, sobretudo, pela falta de produtos para primeiros-socorros.